

4468

186

1



Foto: Antônio Queirós

Clima de tensão entre índios e posseiros em Banzaê leva até as crianças a se armar

Cresce risco de conflito em Banzaê

Três dias depois da ocupação do povoado de Gado Velhaco, no município de Banzaê, por índios kiriri, o clima continua tenso. Não só em relação aos posseiros, que perderam suas casas e agora co-

bram uma indenização do governo federal, mas também por causa dos cantagalo — uma dissidência dos kiriri —, que tiveram famílias expulsas juntamente com os posseiros e ameaçam revidar. Embora “pin-

tados para a guerra”, os indígenas garantem que querem paz. O administrador regional da Funai em Paulo Afonso, Sivaldo Barbosa Moreira, está na região desde terça-feira, atuando como negociador (*Pág. 2*).

4468

(333)

186

3

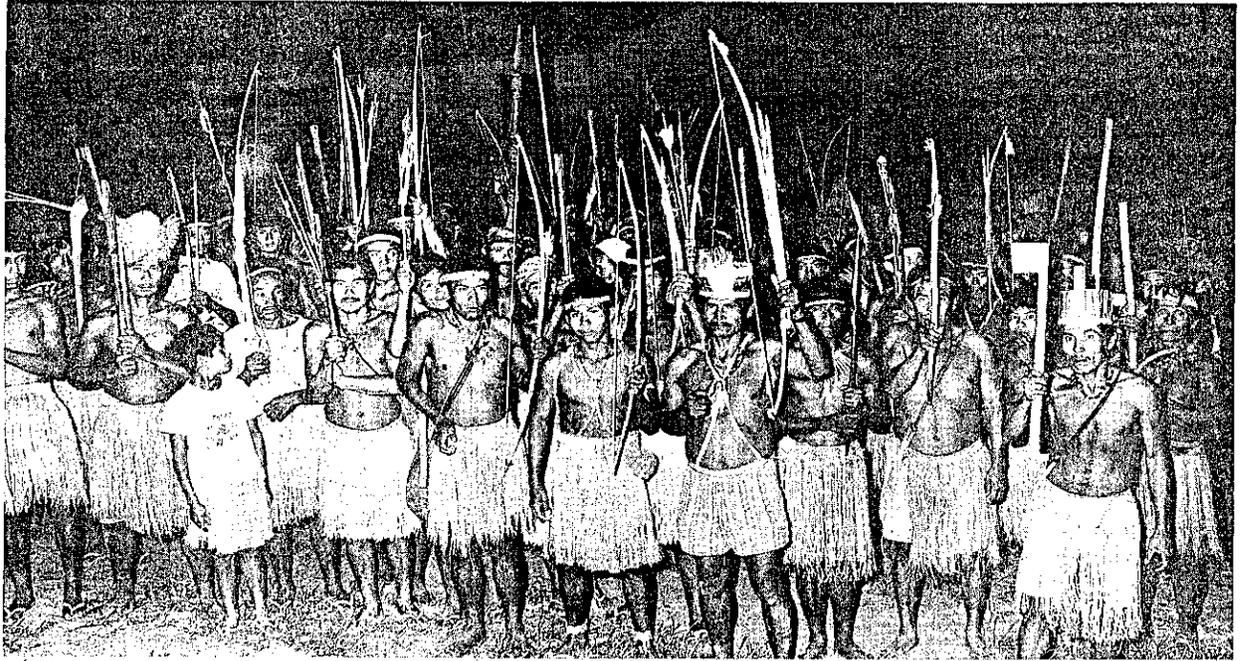


Foto: Antônio Queiroz

Índios kiriri estão em pé de guerra, acusando os cantagalo de terem abandonado suas origens, o que eleva a tensão em Banzaê

Tensão entre tribos torna acordo difícil em Banzaê

Fátima Dannemann

“Quando você se levantou pela manhã, eu havia preparado o sol para aquecer seu dia”... Assim começava o texto “Bom dia, boa tarde, boa noite” de uma apostila escolar que voava ao sabor da brisa em Gado Velhaco povoado entre Mirandela e a sede do município de Banzaê ocupado por uma das duas facções dos índios kiriri desde a última segunda-feira, quando a manhã foi bem diferente do que o poético texto estudantil sugeria. Três dias depois da ocupação, posseiros continuam ao relento à beira da estrada e as tensões entre os índios cantagalo e kiriri só relaxaram um pouco depois da chegada de um contingente da Polícia Federal à região.

Os kiriri de Mirandela e os índios de cantagalo, na verdade duas facções de uma mesma tribo que se separaram por divergências ideológicas, juram que não querem briga. Mas, estão armados com flechas e paus para “o caso de ser necessário brigar”. Os cantagalo afirmam que os kiriri invadiram terras de seu território. Isto porque quatro famílias de indígenas que moravam em Gado Velhaco tiveram que abandonar suas casas com os posseiros. “Nós não expulsamos eles”, diz o índio Bonifácio, um dos líderes da invasão. “Não respeitam nosso povo”, diz o cacique Manuel, do cantagalo.

TENSÕES

Esta não foi a primeira vez que conflitos entre índios e posseiros (ou entre índios e índios, desta vez), ge-

ram tensões na região. A boataria corre solta na região e há quem aponte outras cinco localidades que estariam na mira dos indígenas: Segredo, Pau Ferrinho, Baixa da Cangalha e principalmente Marcação — um dos maiores povoados sob administração da Prefeitura de Banzaê — e Araçás — onde fica a aldeia cantagalo.

Barreiras e tocaias na estrada se tornaram frequentes desde a última segunda-feira. À noite, só tem acesso pela estrada que liga Ribeira do Pombal-Mirandela e Banzaê, os carros que os índios consentem. “À noite eles ficam mais desconfiados”, diz Agnaldo Correia de Melo, chefe do posto da Funai que funciona em Mirandela. Agnaldo ia sendo vítima de um ataque cantagalo na noite de terça-feira. “Nós não consentimos”, disse José Leal, prefeito de Banzaê,

que interrompeu uma viagem de trabalho a Salvador, segunda-feira, e voltou imediatamente para resolver o problema.

Depois de duas noites na estrada, finalmente os índios permitiram que parte dos posseiros (a lista de indenizações está tramitando em Brasília e o dinheiro prestes a ser liberado, segundo informou o administrador regional da Funai em Paulo Afonso, Sivaldo Barbosa Moreira) entrassem em Gado Velhaco para apanhar seus pertences. A Prefeitura de Banzaê alojou algumas famílias (muitos não arredaram o pé do acampamento à beira da estrada) no centro de abastecimento da cidade. Grupos jovens de Banzaê também se reuniram para arrecadar doativos, especialmente roupas e alimentação.

Ocupação já dura três dias

Os índios kiriri ocuparam o povoado de Gado Velhaco, entre Mirandela e Banzaê, nas proximidades de Ribeira do Pombal, na manhã de segunda-feira. Os posseiros da região tomavam o café da manhã quando foram obrigados a deixar suas casas e pertences pelos índios que passaram todo o dia de terça-feira, em estado de alerta. A invasão pegou de surpresa o chefe do posto da Funai na região, que estava em viagem tentando resolver problemas ligados à reserva e dividiu as duas facções locais indígenas: os cantagalo não concordaram com a invasão.

Não houve conflito durante a invasão, segundo explicou o chefe da Funai, que, ontem à noite, teve mais uma reunião com os índios. Os caciques explicaram que só querem reaver suas terras e que não querem guerra. Mesmo assim, as entradas da cidade estão bloqueadas pelos indígenas e os posseiros acampados há alguns quilômetros de suas antigas casas. Nos municípios vizinhos, Ribeira do Pombal e Banzaê, as opiniões se dividem, mas a população evita fazer comentários sobre a situação.

TENSÃO

Acusações de ambas as partes.



Foto: Antônio Queiroz

Posseiros, entre eles alguns cantagalo, estão em acampamentos

Este é o clima na região de Banzaê. A Funai acusa a prefeitura de abandonar Mirandela (povoado tomado pelos índios no ano passado). A prefeitura acusa a Funai de proteger o cacique Lázaro. Os kiriri de Mirandela dizem que os cantagalo abandonaram as origens. Estes, reagem à altura: dizem que o pessoal de Lázaro quer tudo e que "somos índios também. Se precisar cantar o toré e usar tanga para mostrar que somos índios, a gente canta o toré

e usa tanga", como afirma o cacique Manoel.

Na região, os cantagalo são tidos como mais pacíficos. O cacique Manoel diz que a área tem limites naturais que não podem ser ultrapassados ao bel-prazer da outra facção e se mostra disposto a enfrentar a outra tribo. Ao mesmo tempo dizem que não querem guerra e preferem um meio típico dos homens-brancos para resolver o problema: a Justiça. "Nunca saímos de

ossos limites", disse o cacique dos cantagalo.

FUNAI E PF

Sivaldo Barbosa está na região desde a noite da terça-feira, mas somente ontem à tarde esteve com os dois ramos indígenas e os posseiros expulsos de Gado Velhaco. Durante toda a manhã, Sivaldo aguardou a chegada da Polícia Federal e ontem à tarde, com os agentes, esteve conversando com as partes interessadas no problema. Pediu aos cantagalo e aos kiriri de Mirandela que evitassem o conflito. De fato, talvez pela presença da Polícia na região, o ambiente ficou um pouco menos tenso.

Em Gado Velhaco, crianças brincavam com folhas de apostilas e provas da escolinha do povoado que também foi ocupada. Mulheres cozinhavam em uma fogueira à frente de uma das casas. Outras, mais jovens, ficavam à janela observando a movimentação. Guerreiros jovens e velhos testavam seus arcos e flechas em tiros rasteiros. Uma pessoa esteve distante do palco da "guerra", o cacique Lázaro que passou a manhã fazendo farinha em Mirandela. "Quando aconteceu a invasão eu estava em Paulo Afonso. Mas, fiquei triste com meus meninos e com os posseiros também".